

A VOLTA AO
MUNDO
EM 80 DIAS

JÚLIO VERNE

A VOLTA AO
MUNDO
EM 80 DIAS

Tradução

Juliana Ramos Gonçalves



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Le tour du monde en 80 jours

Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Júlio Verne

Imagens
3d_man/Shutterstock.com;
donatas1205/Shutterstock.com;
Wilqkuku/Shutterstock.com;
polygraphus/Shutterstock.com;
dikobraziy/Shutterstock.com

Tradução
Juliana Ramos Gonçalves

Revisão de tradução
Andréia Manfrin Alves

Diagramação e revisão
Casa de Ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V531v Verne, Júlio
A volta ao mundo em 80 dias / Júlio Verne ; traduzido por Juliana Ramos
Gonçalves. - Jandira, SP : Principis, 2019.
304 p. ; 16cm x 23cm.

Tradução de : Le tour du monde en 80 jours
ISBN: 978-85-94318-14-5

1. Literatura juvenil. 2. Aventura. 3. Viagens. 4. Mundo.
I. Gonçalves, Juliana Ramos. II. Título.

2018-527

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 82-93

1ª edição revisada em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

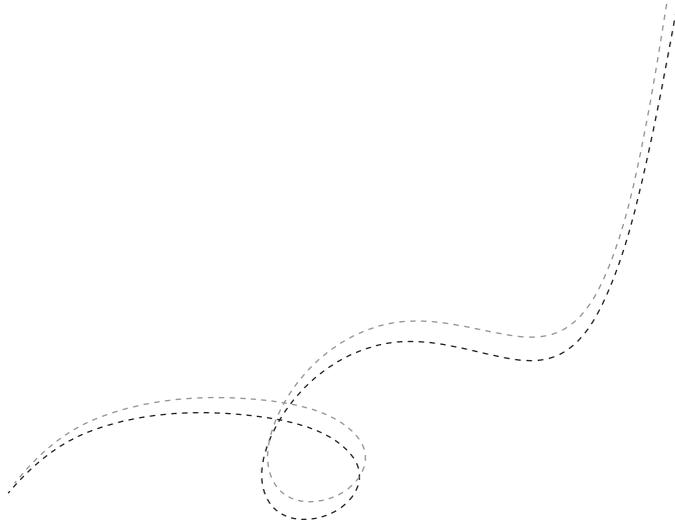
Em que Phileas Fogg e Passepartout aceitam-se reciprocamente, um como patrão, e o outro como criado.....	9
De quando Passepartout se convence de ter finalmente encontrado seu ideal.....	15
De quando se inicia uma conversa que poderá custar caro a Phileas Fogg.....	21
De quando Phileas Fogg deixa seu criado Passepartout estupefato.....	31
De quando um novo valor surge na praça de Londres.....	37
De quando o agente Fix demonstra uma impaciência bastante legítima.....	43
De quando é comprovada mais uma vez a inutilidade dos passaportes no que concerne à polícia.....	49
De quando Passepartout talvez fale um pouco mais do que convém.....	53
De quando o Mar Vermelho e o Mar das Índias se mostram propícios aos desígnios de Phileas Fogg.....	59
De quando Passepartout fica muito contente de se safar perdendo seus sapatos.....	67
De quando Phileas Fogg compra uma montaria por um preço extraordinário.....	75
De quando Phileas Fogg e seus companheiros se aventuram nas florestas da Índia, e o que acontece em seguida.....	87
Em que Passepartout prova mais uma vez que a sorte sorri para os atrevidos.....	97

Em que Phileas Fogg desce todo o admirável vale do Ganges sem nem sonhar em vê-lo.....	107
De quando a bolsa com as banknotes se livra do peso de alguns milhares de libras.....	115
De quando Fix não demonstra de modo algum conhecer todas as coisas de que lhe falam.....	123
De quando se fala de assuntos variados durante a travessia de Singapura até Hong Kong	131
Em que Phileas Fogg, Passepartout e Fix, cada um por si, vão resolver suas pendências.....	139
De quando Passepartout toma o partido de seu patrão, e o que acontece em seguida	145
Em que Fix cria laços com Phileas Fogg.....	155
De quando o dono da Tankadère corre o risco de perder um prêmio de duzentas libras.....	163
De quando Passepartout aprende que, mesmo do outro lado do mundo, é prudente carregar algum dinheiro nos bolsos.....	175
Em que o nariz de Passepartout cresce desmesuradamente.....	185
Em que se realiza a travessia do Oceano Pacífico	193
De quando se tem, em um dia de meeting, uma breve visão de São Francisco.....	201
Em que eles tomam o trem expresso da estrada de ferro do Pacífico.....	211
Em que Passepartout tem uma aula sobre a história dos mórmons a trinta e dois quilômetros por hora.....	219
Em que Passepartout não consegue fazer ouvir a voz da razão	227
Da narrativa de incidentes diversos que só se encontram nos railroads da União	237

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Em que Phileas Fogg simplesmente cumpre o seu dever	247
Em que Fix leva muito a sério os interesses de Phileas Fogg	257
Em que Phileas Fogg empreende uma batalha direta contra o azar	265
De quando Phileas Fogg se mostra à altura das circunstâncias	271
Em que Passepartout tem a chance de fazer um trocadilho infame, mas talvez inédito	281
Em que Passepartout não precisa ouvir duas vezes a ordem de seu patrão	285
Em que Phileas Fogg novamente toma a dianteira no mercado.....	293
Em que fica provado que Phileas Fogg não ganhou nada ao dar a volta ao mundo, a não ser a felicidade.....	299





Em que Phileas Fogg e Passepartout aceitam-se reciprocamente, um como patrão, e o outro como criado

Ano de 1872, a casa de número 7 da rua Saville Row, em Burlington Gardens – casa na qual Sheridan havia morrido em 1814 –, era habitada por Phileas Fogg, *esquire*,¹ um dos membros mais singulares e mais notáveis do Reform Club de Londres, ainda que ele aparentemente assumisse a tarefa de nada fazer que pudesse chamar atenção.

A um dos maiores oradores que honraram a Inglaterra, sucedia, portanto, esse Phileas Fogg, personagem enigmático de quem nada se sabia, exceto que era um homem muito galante e um dos mais belos *gentlemen*² da alta sociedade inglesa.

¹ “*Esquire*”, normalmente abreviado “*esq.*”, é o título inglês mais baixo na escala dos títulos de cortesia, geralmente atribuído àqueles que não faziam parte da nobreza propriamente dita, mas da alta burguesia (N.T.).

² Em inglês no original, *gentlemen*, cujo singular é *gentleman*, significa “cavalheiros” (N.T.).

Diziam que ele se parecia com Byron – fisicamente, pois era irrepreensível quanto à sua conduta –, mas um Byron de bigode e suíças, um Byron impassível, que teria vivido mil anos sem envelhecer.

Certamente inglês, Phileas Fogg talvez não fosse londrino. Ele jamais foi visto na Bolsa, nem no Banco, nem em nenhum desses estabelecimentos do centro. Nem os canais e nem as docas de Londres jamais haviam recebido um navio tendo Phileas Fogg por armador. Esse *gentleman* não figurava em nenhum conselho de administração. Seu sobrenome jamais havia ressoado nos círculos de advocacia, nem no Temple, nem no Lincoln's Inn, nem no Gray's Inn. Ele jamais recorrera ao Tribunal da Chancelaria, nem à corte da Rainha, nem ao Tesouro, nem ao Tribunal Eclesiástico. Não era industrial, nem negociante, nem mercador, nem agricultor. Não fazia parte da Instituição Real da Grã-Bretanha, nem da Instituição de Londres, nem da Instituição dos Artesãos, nem da Instituição Russell, nem da Instituição Literária do Oeste, nem da Instituição de Direito e nem da Instituição de Artes e Ciências Reunidas, apadrinhada diretamente por Sua Graciosa Majestade. Ele não pertencia, enfim, a nenhuma das numerosas sociedades que pululam na capital inglesa, da Sociedade da Harmônica de Vidro à Sociedade Entomológica, fundada com o principal objetivo de destruir os insetos nocivos.

Phileas Fogg era membro do Reform Club, e isso é tudo.

Àqueles que se espantam com o fato de que um *gentleman* tão misterioso pudesse estar entre os membros dessa honorária associação, responde-se que ele fora admitido por recomendação dos irmãos Baring, com os quais tinha um crédito aberto. Daí seu prestígio, pois seus cheques eram regularmente pagos à vista e debitados em sua conta-corrente, invariavelmente positiva.

Phileas Fogg era rico? Sem dúvida. Mas como ele havia feito fortuna é o que os mais bem informados não poderiam responder, e Mr. Fogg³

³ Em inglês no original, abreviação de “Senhor Fogg” (N.T.).

era o último a quem convinha se dirigir a fim de sabê-lo. Em todo caso, ele não era esbanjador, e tampouco avarento, pois onde quer que faltasse uma ajuda para uma causa nobre, útil ou generosa, ele intervinha silenciosa e até, anonimamente.

Em suma, nada existia de menos comunicativo do que esse *gentleman*. Ele falava o mínimo possível, e parecia ainda mais misterioso do que silencioso. No entanto, sua vida era regrada, mas como tudo o que fazia era tão matematicamente igual, a imaginação, descontente, procurava ir além.

Viajara? Era provável, pois ninguém dominava o mapa-múndi melhor do que ele. Não havia lugar tão remoto que ele aparentemente não conhecesse bem. Às vezes, corrigia – mas em poucas palavras, breves e claras – os mil boatos que circulavam no clube a respeito de viajantes perdidos ou desaparecidos. Ele apontava as verdadeiras probabilidades, e as suas palavras muitas vezes eram como que inspiradas por um sexto sentido, de tanto que os acontecimentos sempre acabavam por legitimá-las. Era um homem que devia ter viajado por toda a parte – ao menos em espírito.

O que era certo, contudo, é que há muitos anos Phileas Fogg não saía de Londres. Aqueles que tinham a honra de conhecê-lo um pouco melhor que os outros atestavam que, exceto pelo caminho direto que ele percorria todos os dias para ir de sua casa ao clube, ninguém podia pretender jamais tê-lo visto em outro lugar. Seu único passatempo era ler os jornais e jogar *whist*. Muitas vezes, ganhava nesse jogo do silêncio, tão apropriado à sua natureza, mas seus ganhos jamais entravam em sua conta e representavam uma soma considerável em seu orçamento de caridade. Aliás, é preciso dizer, Mr. Fogg evidentemente jogava por jogar, e não para ganhar. Para ele, o jogo era um combate, uma luta contra uma dificuldade, mas uma luta sem movimentos, sem deslocamento, sem cansaço, e isso convinha ao seu caráter.

Pelo que se sabia, Phileas Fogg não tinha mulher ou filhos – o que pode acontecer às pessoas mais honestas –, nem parentes ou amigos – o

que é, na verdade, mais raro. Phileas Fogg vivia sozinho em sua casa na Saville Row, onde ninguém entrava e de cujo interior nunca se falava. Um único criado era suficiente para servi-lo. Almoçando e jantando no clube em horários cronometricamente determinados, na mesma sala, à mesma mesa, não recebendo jamais seus colegas ou convidando algum estranho, ele só voltava para casa para se deitar, precisamente à meia-noite, sem jamais utilizar esses quartos confortáveis que o Reform Club mantém à disposição dos membros do círculo. Das vinte e quatro horas, dez ele passava em seu domicílio, fosse dormindo, fosse ocupando-se de sua toailete. Se passeasse, era invariavelmente, e sempre do mesmo modo, na sala de entrada de parquet marchetado, ou então na galeria circular, sobre a qual se eleva uma cúpula de vitrais azuis, sustentada por vinte colunas iônicas de pórfiro vermelho. Se jantasse ou almoçasse, eram as cozinhas, a despensa, a copa, a peixaria e a leiteria do clube que ofereciam à sua mesa suas suculentas reservas. Eram os criados do clube, personagens sérios em roupas pretas, calçados com sapatos de solado macio, que o serviam em uma porcelana especial e sobre uma admirável toalha de Saxe. Eram cristais exclusivos que continham seu xerez, seu porto ou seu *claret* misturado com canela, avenca e cinamomo. Enfim, era o gelo do clube – vindo a muito custo dos lagos da América do Norte – que mantinha suas bebidas com um satisfatório frescor.

Se viver nessas condições é ser excêntrico, é preciso convir que a excentricidade tem suas benesses!

A casa da Saville Row distinguia-se por um extremo conforto, mas não era suntuosa. Aliás, com os hábitos invariáveis de seu inquilino, o serviço reduzia-se a pouco. Contudo, Phileas Fogg exigia de seu único criado uma pontualidade e uma regularidade extraordinárias. Naquele mesmo dia, 2 de outubro, Phileas Fogg havia despedido James Forster – esse rapaz era culpado de lhe ter levado água para a barba a oitenta e quatro graus Fahrenheit, em vez de oitenta e seis –, e ele esperava seu sucessor, que deveria se apresentar entre onze horas e onze horas e meia.

Phileas Fogg, sentado com aprumo em sua poltrona, os dois pés próximos como os de um soldado em um desfile, as mãos apoiadas sobre os joelhos, o corpo ereto, a cabeça erguida, observava o movimento de seu relógio de chão – aparelho complicado que indicava as horas, os minutos, os segundos, os dias, os meses e o ano. Ao soar onze horas e meia, Mr. Fogg deveria, segundo seus hábitos cotidianos, sair de casa e se dirigir ao Reform Club.

Nesse momento, bateram à porta da pequena sala na qual Phileas Fogg se encontrava.

James Forster, o demitido, apareceu.

– O novo criado – disse.

Um rapaz de aproximadamente trinta anos apareceu e cumprimentou-o.

– O senhor é francês e se chama John? – perguntou-lhe Phileas Fogg.

– Jean, se isso não o incomoda – respondeu o novato. – Jean Passepartout, um apelido que me ficou e que justifica minha aptidão natural para escapar das enrascadas.⁴ Acredito ser um rapaz honesto, senhor, mas para ser franco já tive muitas profissões. Fui cantor de rua e escudeiro em um circo, fazendo acrobacias como Léotard e dançando sobre a corda como Blondin. Depois, para dar mais utilidade aos meus talentos, tornei-me professor de ginástica e, por último, fui sargento de bombeiros, em Paris. Em meu currículo tenho até mesmo incêndios notáveis. Mas eis que há cinco anos deixei a França e, desejando experimentar a vida familiar, agora sou criado de quarto na Inglaterra. Bem, estando sem um posto e sabendo que o senhor Phileas Fogg era o homem mais correto e mais sedentário do Reino Unido, apresentei-me ao senhor com a esperança de aqui viver tranquilamente e até mesmo esquecer esse nome Passepartout...

⁴ Em francês, a expressão “*passe-partout*” significa, ao pé da letra, algo como “passa em qualquer lugar”. Ela tem diversas acepções (designando, por exemplo, desde uma chave mestra até um papel especial que emoldura um desenho), e, em sentido figurado, refere-se a algo que convém a todas as situações ou a todos os usos (N.T.).

– Passepartout me convém – respondeu o *gentleman*. – O senhor me foi recomendado. Tenho boas referências a propósito de seu trabalho. O senhor conhece minhas condições?

– Conheço, senhor.

– Perfeito. Que horas são?

– Onze horas e vinte e dois – respondeu Passepartout, tirando do fundo de seu bolso um enorme relógio de prata.

– O senhor está atrasado – disse Mr. Fogg.

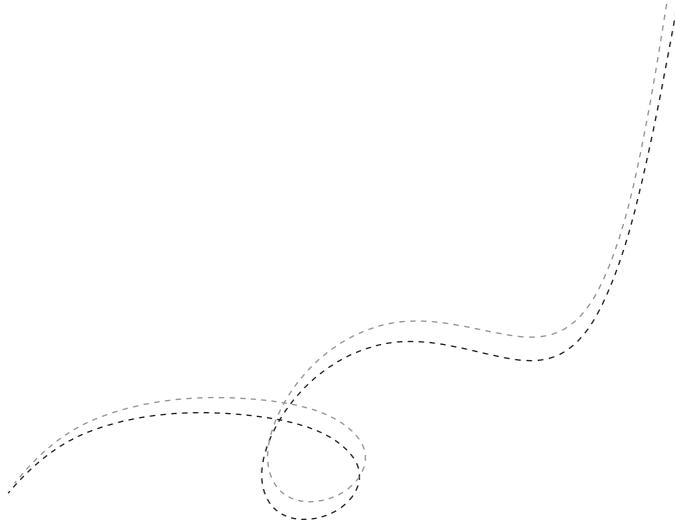
– Que o senhor me desculpe, mas é impossível.

– O senhor está quatro minutos atrasado. Não importa. Basta corrigir a diferença. Portanto, a partir deste momento, onze horas e vinte e nove da manhã, nesta quarta-feira, 2 de outubro de 1872, o senhor fica aos meus serviços.

Dito isso, Phileas Fogg levantou-se, apanhou seu chapéu com a mão esquerda, colocou-o sobre a cabeça com um gesto mecânico e desapareceu sem acrescentar nenhuma palavra.

Passepartout escutou a porta da rua se fechar uma primeira vez: era seu novo patrão que saía. Depois, uma segunda vez: era seu predecessor, James Forster, que também partira.

Passepartout ficou sozinho na casa da Saville Row.



De quando Passepartout se convence de ter finalmente encontrado seu ideal

– Minha nossa! – disse Passepartout, ainda um pouco estupefato. – Conheci no museu de Madame Tussaud senhores tão animados quanto o meu novo patrão! Convém dizer aqui que os “senhores” de Madame Tussaud são figuras de cera bastante visitadas em Londres, e às quais não falta nada além da fala.

Nos instantes em que entrevira Phileas Fogg, Passepartout havia examinado rapidamente, mas com cuidado, seu futuro patrão. Era um homem que podia ter quarenta anos, de aparência nobre e bela, alta estatura, sem sofrer a desarmonia de nenhum sobrepeso, de cabelos e suíças loiros, rosto simétrico sem rugas aparentes nas têmporas, fronte mais pálida que corada, dentes magníficos. Ele parecia possuir no mais alto nível aquilo que os fisionomistas chamam de “o repouso na ação”, faculdade comum a todos aqueles que mais fazem do que falam. Calmo, fleumático,